

GENEALOGIA

FAMÍLIA QUEIRÓS — FERREIRA DE BEBERIBE — OS FACÓS

BOANERGES FACÓ

VIII

Antônio Pereira de Queirós e sua mulher Dona Helena de Oliveira Maciel, meus quartavós, na sua transferência da fazenda Barro Vermelho, situada às margens do Banabuiú, para a Serra Azul, no Sitiá, tudo em terras do Ceará, trouxeram em sua companhia frei Miguel, sobre quem já tive de escrever um artigo, sob o título "Frei Miguel de Santa Teresa". Na mesma época escrevi "Velhinhas da Pedreira" e "Numa Grande Sêca".

Êstes quatro artigos, obedecendo à ordem de sucessão, serão transcritos nas páginas do livro — *Família Queirós — Ferreira de Beberibe — Os Facós* e constituirão mais um capítulo do mencionado livro de genealogia, de vez que todos êles tratam dêste assunto, embora já tenham sido publicados na imprensa citadina e na *Revista do Instituto do Ceará*, de 1954 e 1955, sob o título comum de "Fastos do Ceará".

FREI MIGUEL DE SANTA TERESA

Entre 1750 e 1760, Antônio Pereira de Queirós, filho do português Inácio Pereira de Queirós Lima e da pernambucana Francisca Cavalcante Vascelos, natural da fazenda Barro

Vermelho, na ribeira do Banabuiú, neste Estado, numa viagem em que fôra vender gado em Pernambuco (Antônio Cirilo, no seu Manuscrito, sôbre a família Queirós, diz ter sido o primeiro cearense a negociar com gado do Ceará em Pernambuco), de volta trouxe em sua companhia um frade franciscano do Convento da Bahia, cujo nome epigrafa êste trabalho. Frei Miguel, segundo o mesmo Antônio Cirilo, estava licenciado durante 16 anos, pela Ordem, na colheita de esmolas.

Esse encontro fortuito entre o meu quartavô e frei Miguel havia de dar origem a uma grande e sincera amizade entre os dois, de bases tão sólidas, que só a morte extinguiria.

Em Barro Vermelho encontraram os dois velhos a morte. O frade assistiu-lhes os últimos momentos com todo o confôrto da Religião. Deram-lhes sepultura na Capela de São João do Jaguaribe, hoje distrito do município de Limoeiro, onde já tinham sido sepultados, quando no local da Capelinha existia apenas uma cruz, Antônio Duarte de Queirós e Isabel Cavalcante Vasconcelos, pais de Francisca Vasconcelos e sogros de Inácio de Queirós, e meus sextavós. Ali, na Capelinha, frei Miguel celebrou seis missas pelos falecidos nos dias de Nascimento, da Paixão e da Ressurreição, missas que, conforme Antônio Cirilo, ficaram como uma tradição na família Queirós.

Liquidados os negócios dos Queirozes no Barro Vermelho e feita a partilha (Inácio de Queirós, conforme Antônio Cirilo, era português preguiçoso e afidalgado, mas, econômico naqueles bons tempos, deixou regular fortuna) dos bens do casal, Antônio Pereira e a mulher, que ainda não tinham filhos, acompanhados de frei Miguel, vieram para o Sitiá, em Quixeramobim, onde já moravam José Pereira Cavalcante e Ana Pereira de Queirós, irmãos de Antônio Pereira e casados com os irmãos Simeão Correia de Araújo e Francisca da Rocha Maciel, irmãos de dona Helena, mulher de Antônio Pereira, e filhos do cap. Joaquim Correia de Araújo e de Anastácia Maciel de Melo. Os últimos eram meus quintavós. Joaquim Correia e Dona Anastácia, que moravam na fazenda Papagaio, nas várzeas do Apodi, no Rio Grande do Norte, vieram, a convite dos filhos e genros, morar no Sitiá, onde compraram uma légua de terra e puseram-lhe o mesmo nome da fazenda do Apodi.

Em Sitiá, Antônio Pereira requereu três léguas de terra sôbre uma de largo, 1.0 sacco da Serra Azul. Esse requerimento despertou ambições que dormiam acoitadas pelo mêdo. É que a ambição humana não tem limites e nem entradas. Assim, Bento Bezerra e outros, que haviam, anteriormente, requerido a mesma "Data de Sesmaria", não se tinham atrevido a fazer posse com receio dos indígenas, mas, quando viram Antônio Pereira, "homem resoluto", enfrentar o perigo e beneficiar a terra, tornando-a calma e respeitada, surgiram, gananciosos e solertes, sôbre a propriedade alheia.

Daí, a demanda que Antônio Pereira, apoiado por seu querido amigo frei Miguel, teve de enfrentar e vencer seus adversários ambiciosos e covardes.

Frei Miguel, homem inteligente e culto, que entendia também de leis, foi provisionado pelo amigo, que defendeu nas duas instâncias. Perdeu a questão na Capitania, mas apelou para a Relação da Bahia, a única existente então na Colônia, tendo frei Miguel acompanhado os autos à instância superior, onde logrou reforma da primeira sentença, comentando o velho Antônio Cirilo, irreverente e perverso, não saber se por "justiça" ou por "empenho". Foi inteira justiça do Tribunal Superior. Os autores dinheirosos se conformaram e, por isso, Antônio Pereira não lhes cobrou as despesas judiciais.

E num dia 8 de setembro, de ordem do Governador da Capitania, as Justiças de Aquirás e Quixeramobim foram à Serra Azul limitar, solenemente, na posse Antônio Pereira, o que se fêz com grandes festas, dia que deu à propriedade a denominação de Natividade.

Definitivamente na posse da sua propriedade, Antônio Pereira fêz boas casas para residência, beneficiamento de mandioca e algodão, e mais outra, num terreno elevado, próximo à residência que ainda conserva o nome de "Alto do Frade", para frei Miguel, onde êle morava e celebrava os atos religiosos. Ali passaram 12 anos e nasceram todos os filhos do casal. Decorrido esse lapso de tempo, Antônio Pereira arrematou em Aquirás mediante procuração passada, em Quixeramobim, ao irmão de José Pereira Cavalcante, as fazendas Ipueiras, anexas à Serra Azul, a Curralinho, no alto Sitiá, para onde se mudou. Acompanhou-o o bom frade.

Antônio Pereira passou mais de dois lustros no saco da Serra Azul na mais completa paz e profícuo trabalho que lhe trouxeram prosperidade e regular aumento de fortuna, sempre respeitado de todos, mesmo pelos próprios indígenas, "devido, talvez, às feitiçarias de frei Miguel", acrescenta o irreverente velho do Manuscrito. (Antônio Cirilo era maior de 80 anos, quando passou para o papel o que trazia na formidável memória sobre a família Queirós.)

Ele assim dizia, dentro de seu espírito "voltairiano", mas não pensava, pois fala sempre com entusiasmo e admiração de frei Miguel. Conta-nos que a sua tia-avó, Maria de Jesus, freira da Ordem Terceira de Pernambuco, que era criança quando frei Miguel deixara o Curralinho, aos 80 anos, ainda chorava copiosamente ao falar na saída do extraordinário frade.

Poucos anos depois da mudança para o Curralinho, em 10 de julho de 1774, falecia Antônio Pereira, deixando a viúva, Dona Helena, que só veio a falecer em 1811 sem convolar novas núpcias. Era senhora de elevadas virtudes cristãs e de educação. Conta-nos o autor do Manuscrito que um dia a menina Isabel, sua filhinha de 6 anos, que foi mais tarde mulher do sargento-mor José Lopes Barreira e avó de Antônio Cirilo, fôra levar o almôço ao frade e ao voltar disse à mãe que ele o tinha pôsto sobre a mesa, sem se servir logo. Decerto não tinha o hábito de fazer assim. Dona Helena castigou a filha para não mais comentar o que visse na casa alheia.

Com a morte do bom amigo, cuja vida os médicos de Aracati e de Fortaleza, assim como o próprio frei Miguel, que segundo Antônio Cirilo, "também entendia de cura do corpo", não puderam salvar, o frade não quis mais ficar no Sitiá e voltou para o Convento, deixando infindas saudades e conduzindo avultadas esmolas e presentes, entre os quais o cavalo de estima e da montaria do amigo. Deixou o Curralinho depois que deu sepultura ao amigo na Capela de Quixeramobim e lhe celebrou as exéquias. Os homens que o conduziram do Sitiá êle os fêz voltar do Cariri — hoje Crato, não dando mais qualquer notícia de si.

Frei Miguel de Santa Teresa, que morou cêrca de 20 anos com Antônio Pereira de Queirós, prestando-lhe valioso auxílio material e espiritual, batizando-lhe todos os filhos e assistindo-

-lhe os últimos momentos de vida, foi como que uma espécie de anjo da guarda, na vida e na morte, do digno Queirós — tronco comum de illustres famílias e notáveis vultos nas letras e nas armas do Ceará.

O SERTÃO OPULENTO

O luso Antônio Dias da Costa, compatriótico e amigo de Antônio Duarte de Queirós, afastou-o, sem o pretender, dos canaviaes de Pernambuco (Goiana) para os campos de criar do Ceará (Jaguaribe e Banabuiú), onde a fatalidade deu cabo do casal Queirós-Vasconcelos, mas ainda ficou aos descendentes do casal um pedaço de terras à margem esquerda do Banabuiú (Barro Vermelho), que escapara à gatunice dos brancos Cavalcante-Vasconcelos de Goiana e dos pardos Britos de Jaguaribe.

Barro Vermelho, no Ceará, tornou-se o núcleo primitivo e propulsor das riquezas rurais da família Queirós, que com o decorrer dos séculos 18 e 19 se tornou uma das mais fortes, opulentas e ricas famílias do *hinterland* do Ceará. E assim outras famílias.

O português, que esteve unido e solidário com o índio na longa e encarniçada luta contra o inimigo comum — o francês e o holandês, tornou-se depois, por violência e ambição, seu inimigo, escravizando-o ou eliminando-o.

Assim é que se foi constituindo o sentimento nativista contra os "mascates" do Norte e os "emboabas" do Sul.

Com o andar dos tempos o português colonizador trouxe da longínqua África o elemento forte e resistente — o negro, que transportado às plagas do Novo Mundo de seu distante habitat, foi o braço forte nas labutas da lavoura e pecuária, às quais não se adaptaram e nem resistiram os ameríndios.

Com o primeiro governador-geral, no distante ano de 1549, vieram os primeiros jesuítas que haviam de evangelizar as selvas, corrigindo os vícios do ameríndio e contendo a ganância do luso.

Mas a ação benéfica do missionário, no Norte do Brasil, encarnada na personalidade marcante e genial do padre Vieira, limitava-se quase ao litoral. Assim é que entre nós a sua ação

evangelizadora foi de efeitos salutareos em Fortaleza, Paupina (Messejana), Araré (Aracati) e na Vila Viçosa (Ibiapaba), sem penetrar o alto sertão, onde se constituíram as grandes fazendas e se organizaram os valentes e poderosos mandões.

Rocha Pombo (*História do Brasil*, vol. V, pág. 57) interpreta bem a alma evangelizadora de Vieira, quando escreve:

“Aquê tempo, aliás, era muito propício à eclosão de almas como a de Vieira. A gentildade de um lado, e do outro os desregramentos da conquista deviam mesmo instigar-lhe a ir-tensa e larga sensibilidade moral; e, quando os superiores, ciosos do valor e do brilho daquele espírito, lhe designaram lugar entre os mestres, êle declarou, tímido e humilde, que o seu desejo era antes dedicar-se todo ao ensino e conversão dos selvagens. E só pela renúncia de si mesmo — regra suprema da ordem — teve de ceder, tomando o pôsto que lhe indicavam no colégio de Olinda.”

Ê que Vieira, sob pretextos suasórios, se afastara de seu grande amigo e protetor, Dom João IV, que o queria sempre junto a si para delícias e brilho da cõrte, onde seria sempre *primus inter pares*, para se entregar de corpo e alma à pregação do Evangelho nas selvas. . .

O grande pregador sentia-se bem no seu mister de proteger e educar os indígenas desde o Nordeste até o extremo Norte, contando com o apoio do herói branco Vidal de Negreiros, no Maranhão, apoio de pouca duração, de vez que em 1653 lhe faltou o príncipe Teodósio, ficando tudo à mercê do nôvo governador, Pedro de Melo, que animava e protegia os escravistas com o que se não conformava o padre Vieira, cuja alma e coração não suportavam a nova situação criada pela morte do ex-Duque de Barcelos.

Falam-nos bem de perto, não só o padre Antônio Vieira, mas Francisco Pinto e Luís Figueira, que o antecederam na mesma serra da Ibiapaba.

Os fatos e acontecimentos da época do sertão opulento se passaram de maneira diferente de nossos dias. O sertão era habitado por nossa nobreza rural, sem preocupação do litoral, que lhe ficava às costas, com a sua capital e futuro urbanismo que tantos males estão causando ao desenvolvimento comum e à economia geral do Estado.

O sertão teve longos períodos de vacas gordas que lhe encheram os celeiros e lhe deram muito prestígio. E assim veio em primeiro lugar a epopéia do vaqueiro, que foi a primeira da história cearense, epopéia que justifica as que se lhe seguiram. O povo que desbravou, civilizou e enriqueceu o sertão estava habilitado a escrever a página de libertação dos escravos, que precedeu quase um lustro à libertação geral do Brasil.

Por isso José de Alencar, que escreveu *O Guarani*, pôde escrever também *O Sertanejo* que lhe encerra o ciclo indiânico, na primeira página:

“Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infinitos, é o sertão de minha terra natal.

“Ali campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acoisa o touro indômito no cerrado mais espêso, e o derruba pela cauda com admirável destreza.”

O sertão que era opulento está ficando de todo abandonado. Causas várias entre nós têm determinado êsse estado de cousas a que se chegou. O homem do campo deixou-se seduzir pelas profissões liberais. Cogitou de fazer do filho bacharel, médico ou professor. O môço nas grandes cidades tomou novos hábitos que se não coadunam com as canseiras do campo no seu duplo *facies* da lavoura e da pecuária, que não prosperam nas longas estiagens que nos flagelam, periódicamente, dizimando-as ou aniquilando-as. Êsses flagelos, reproduzidos ou repetidos continuamente, trazem desânimo ao espírito do homem do campo, desajudado ou esquecido dos poderes públicos. A propriedade rural continua na sua primitividade, sem o aparelhamento mecânico, que poderia duplicar-lhe ou mesmo decuplicar-lhe o valor. E a propriedade rural, sem o auxílio da ciência, que lhe aumente o valor e lhe amplie as aplicações na prática, definha e mulifica-se, levando-se ainda em consideração as suas constantes divisões e subdivisões pelas sucessivas gerações descendentes do opulento casal primitivo, circunstância que ferira a fina observação de João Brígido, quando nos falava de avô opulento e neto mendigo.

Observei essa dolorosa situação em Saboeiro com os descendentes do poderoso e rico Visconde do Icó.

Xavier de Oliveira (*in O Exército e o Sertão*, pág. 53) escreve:

— “Mais de cinco dezenas de sorteados lá do meu sertão do Ceará, ao darem baixa do serviço militar, aqui, me têm procurado para que os auxilie na obtenção de emprêgo com que permaneçam nesta Capital (Capital Federal), pois não mais querem regressar aos seus lares, aonde os foi buscar o govêrno.”

É o horror do sertão abandonado pelos podêres públicos que fala mais alto no ânimo do nativo que o amor à gleba, de que se ocupa um poeta polonês.

Do sertão, que escreveu a epopéia do vaqueiro, é que nos veio a reconquista do Maranhão, tendo razão o cons. Tristão Araripe quando se propôs provar que a nova conquista da capitania do Norte coube mais ao capitão-mor José Pereira Filgueiras que a Lord Cochrane. Do homem do sertão nos veio a malograda revolução de 17 e a efêmera república de 24.

No sertão é que se fez a prosperidade da capitania e posteriormente a da província, sem essa sêde da Capital e sem cogitar-se de urbanismo.

Mas a nossa ação posterior inverteu uma grande lei da Economia Política: consumo sem correspondente produção.

É preciso que se volte ao sertão, que representa a marcha para o Oeste. O urbanismo despoeva o *binterland*, aniquila a lavoura e abandona a pecuária.

Voltar ao sertão faminto e verminado? . . .

Que os podêres públicos do Estado e da União vão em socorro do camponês empobrecido e abandonado! . . .

AS VELHINHAS DA PEDREIRA

Numa manhã de agosto de 1904, tomava eu, em companhia de Queirós Totô, meu tio afim, o trem-horário com destino a Quixadá, em busca de repouso na fazenda Olinda, de propriedade daquele parente, a duas léguas da cidade dos monólitos.

Deixamos a composição na estação do Junco — antiga fazenda de meus tios-bisavós Antônio Duarte de Queirós e Miguel Francisco de Queirós que somente ali, antes da pavorosa calamidade de 77-79, apanhavam mais de mil bezerros. Tomamos os cavalos com Totô e meu mano Frederico Facó, que ia também descansar de suas lides de funcionário público.

Antes da chegada em Olinda, num cair de tarde morna e de sol intenso, passamos na fazenda Pedreira, ex-propriedade de meu bisavô Pedro de Queirós Lima, então hipotecada a Dona Maria Libânia, onde moravam duas santas velhinhas — Maria Adelindes e Maria Inácia de Queirós — filhas do antigo proprietário de Olinda, major Baltazar Lopes de Queirós e de Dona Mariana de Jesus Queirós, netas paternas do Tenente de Milícias do Tapuiará, Inácio Lopes Barreira e de Joana Batista de Queirós e netas maternas de Antônio Pereira de Queirós Lima e de Leandra Lopes Barreira, donos da Casa-Forte e meus trisavós.

Aquelas duas velhinhas, maiores de 80 anos, remanescentes de uma geração que se fôra na voragem do túmulo, eram apenas minhas parentas no 3.º ou 6.º grau, conforme a relação jurídica na contagem dos graus de parentesco, mas o respeito ao passado me fêz chamar-lhes de tias e beijar a mão àquelas apenas primas legítimas de minhas falecidas avós. É que, no passado, as famílias se respeitavam e se amparavam entre si por gerações sucessivas nas linhas ascendentes ou mesmo colaterais.

As duas velhinhas, na mocidade, haviam contraído núpcias com os primos legítimos e irmãos entre si José Severiano de Queirós e Marcolino João de Queirós.

Da fidalguia de trato e de caráter do casal José Severiano-Maria de Adelindes, sem descendentes, deu um dia, errantado e cativo, testemunho meu pai; do casal Marcolino-Maria Inácia, uma descendência que, empobrecida, vegeta, sem que tenha vingado um nome de valor, um homem ilustre. De seus lábios ouvi interessantes e marcantes narrativas sôbre a opulência, a varonilidade e os caprichôs de nossos maiores, todos, decerto, dentro da bitola de bondade, rudeza e bravura, de que nos fala João Brígido.

Elas estavam ligadas à Olinda, de cujo dono, pai das velhinhas, se conta que um dia ficara de mal com dois cunhados, que, cansados da inimizade, resolveram fazer as pazes. E, assim, dirigiram-se a Olinda, onde foram fidalgamente tratados; mas, na saída, Baltazar veio, em pessoa, ajudá-los na montaria, com a advertência: "A nossa inimizade continua no mesmo pé." Descendiam na linha feminina da Casa-Forte — redutô de idéias

republicanas do começo do século XIX — e na linha masculina do Tapuiará, onde um dia uma linda donzela ligou o seu nome ao do noivo agonizante, ferido momentos antes de bala homicida, para não fugir ao compromisso assumido pelas famílias de ambos.

A virgem, que ligou o seu destino ao noivo agonizante, Luciano Domingues de Araújo, vítima de uma bala, que lhe mandara de emboscada o inimigo Maciel, chamava-se Joana Batista Barreira e era filha do dono do Tapuiará.

A viúva virgem, posteriormente, convolou novas núpcias com Francisco Alves de Lima, de cujo matrimônio descende muita gente ilustre.

Seus maridos e primos da fazenda Santa Maria, também na ribeira do Sitiá, vinhão em linha reta do sargento-mor José Lopes Barreira — verdadeiro varão de Plutarco, a quem dedico um capítulo de minhas *Memórias*. No começo do século passado, sob os melhores auspícios, contraíam núpcias José Lopes Barreira Filho, de Quixinxé, e Helena Isabel de Queirós, filha dos donos da Casa-Forte. Entre os nossos maiores não existiam os “esponsais” com as formalidades dos antigos romanos, mas os casamentos eram combinados entre os pais dos nubentes, em regra, na ordem da idade dos filhos. Quando do consórcio do casal, sogros das velhinhas, o Sargento-mor fêz ao filho doação, como presente de núpcias, da fazenda Santa Maria, de três léguas de extensão, e Antônio Pereira de Queirós, dono da Casa-Forte, deu de dote à filha dois mil cruzados em terras e gados.

Do casal de Santa Maria, que constituía mais uma união conjugal entre os Lopes Barreira de “Quixinxé” e os Queirós Lima da Casa-Forte, advieram vários rebentos a aumentar o povoamento do Sitiá, tão Queirós que é atual distrito do município de Quixadá, a que sempre deve pertencer, numa justa homenagem à família Queirós, assim como o de Tapuiará.

O primeiro filho do casal, José Severiano de Queirós, homem inteligente e culto para a época e meio em que viveu, era um sertanejo de costumes e hábitos irrepreensíveis.

O segundo foi o intelligentíssimo Antônio Cirilo de Queirós — homem que, segundo João Brígido, “tanto se agitou e tamanho ruído fêz na terra, em começo da vida, para acabar como uma espécie de Nestor...”

Deixei dados sobre a família Queirós, "em frase de camponês", que devo dar à publicidade a bem da genealogia cearense e numa homenagem a Cirilo. Ficará integral no fundo, menos na forma, de vez que se não trata de documento que deva ser mantido na forma literária da época.

Que nos resta de Santa Maria?

Vi ali, à semelhança de todo o sertão, três gerações: uma na maturidade, que, empobrecida, caminhava para a completa ruína econômica; outra, na mocidade, que, indolente, contemplava a completa desagregação das riquezas de seus antepassados; e, enfim, outra que, no berço, marchava para o analfabetismo e absoluta falta de conforto. É assim todo o sertão, outrora opulento e farto. As secas sucessivas aniquilaram a pecuária e povoaram o solo de seres humanos, que aumentam na razão direta da miséria econômica. O mais destacado rebento do primitivo casal de Santa Maria é o coronel Francisco de Matos Brito, que, inteligente e ativo, fez fortuna, sendo hoje o dono do magnífico Guaramiranga, sítio na serra de Baturité, antiga propriedade dos avós maternos de sua mulher.

Matos Brito é filho do rebento caçula do casal de Santa Maria, Isabel Maria de Queirós (tia Bela), que se casou com o português Antônio de Matos Brito.

Em 1907, quando voltei ao Sitiá e visitei os demais macróbios da família, entre os quais Cunegundes Aires de Queirós, avô materno de mons. José Cândido de Queirós Lima, sacerdote de excelsas virtudes, não existiam mais de duas velhinhas.

Elas se haviam ausentado para sempre da Pedreira, onde invernavam então meu prezado primo e amigo Raimundo Torcápio, com a mulher e as três netinhas, que, órfãs, adotara como filhas.

Ali, pela segunda vez, me lembrei das velhinhas Maria Adelindes e Maria Inácia que, se não tiveram na vida e na morte nada de extraordinário, guardavam na extrema velhice a grata lembrança da abastança de que se viram privadas nos últimos dias de vida. É certo que os filhos, genros e sobrinhos ainda tinham suficiente, para que elas não sofressem necessidades, mas não é menos certo que o presente lhes era bem diferente do passado...

NUMA GRANDE SÊCA

(1790 — 1793)

O flagelo assolou o Ceará durante longos anos. Os campos despiram-se de verduras, os sêres humanos buscaram as regiões litorâneas, os gados que não foram retirados pereceram de fome, sêde e peste.

Era o sertão combusto que mais uma vez se estorcia nas convulsões tremendas da nova crise climática; era a vida que se extinguiu nas gargalheiras da natureza impiedosa e tétrica; era a morte que, indiferente e satânica, envolvia o Ceará num drama dantesco e numa destruição homérica.

Cruz Filho, na sua pequena *História do Ceará*, fala nessa imensa calamidade em que "ficaram desertas as fazendas pela mortandade do gado e pela emigração dos criadores", calamidade que ficou na tradição popular como a SÊCA GRANDE. A sêca foi tão grande nos domínios dos Queiroses que Antônio Cirilo, homem sem instrução mas inteligentíssimo, no seu precioso MANUSCRITO sôbre a família Queirós, diz que na fazenda da Santa Maria, na ribeira do Sitiá, de propriedade de seu avô, o sargento-mor José Lopes Barreira, só escapou, dentre centenas de reses, uma vaca branca, de que o dono fêz depois matalotagem.

Alguns Queiroses deixaram o Sitiá, no Quixadá, núcleo donde a Família se irradiou para muitos pontos do Brasil, e vieram para Cascavel, ou melhor, para Aquirás, que compreendia a êsse tempo as terras de Cascavel, que somente em 1833 foi desmembrado da antiga sede da Capitania do Ceará — Aquirás, município desde 1700. Os Queiroses não vinham à aventura, porque vieram para as terras de alagadiço, que o Sargento-mor possuía ali. Não foi uma transmigração, como o fôra a de cêrca de 50 anos atrás do Barro Vermelho — primitivo núcleo dos Queiroses no Ceará, nas ribeiras do Banabuiú, para o Curralinho, no alto Sitiá, em virtude das atrocidades dos irmãos Francisco e Manuel Pereira de Queirós, atrocidades que abreviaram os dias de vida de seus velhos pais Inácio Pereira de Queirós Lima e Dona Francisca Cavalcante Vasconcelos e trouxeram para Quixadá Antônio Pereira de Queirós e sua mulher Helena de Oliveira Maciel — meus quartavós — e outros parentes.

Entre os Queirozes, vindos para Cascavel, veio ainda, solteiro, José de Queirós Lima — meu trisavô — que, ali, contraiu núpcias com Inácia Lopes da Costa, filha do capitão-mor Francisco Xavier da Costa e neta de Baltazar Lopes Barreira, do Quixinxé, ambos portugueses. O dono da fazenda Quixinxé, casando as filhas Ana Maria e Leandra Maria, respectivamente, com José Ferreira do Vale Filho e Antônio Pereira de Queirós Lima, fez a aproximação entre os Queirós — Ferreira. Mais tarde Pedro Queirós Lima, filho de Antônio Pereira, e Baltazar Ferreira do Vale, filho de José Ferreira, que eram primos legítimos pelo lado materno, casaram-se, respectivamente, com Francisca Helena, filha de José de Queirós, e com Catarina Teixeira, filha do português Alexandre José Teixeira e de Francisca Xavier da Costa, irmã de Inácia, mulher de José de Queirós.

Realizaram-se depois os casamentos de Francisco Baltazar Ferreira Facó e João Tomás Ferreira, respectivamente, com Maria Adelaide e Laurentina de Queirós, filhas de Pedro de Queirós, meus avós paternos e maternos. Eis os Ferreira — Queirós de Cascavel, oriundos de José de Queirós Lima e outros ascendentes ligados entre si.

No ano de 1790, início da grande sêca, Antônio Pereira foi nomeado juiz ordinário de Quixeramobim e José Lopes Barreira encarregado do Almoxtarifado da Capitania do Ceará com sede em Aquirás. Assim, Antônio Pereira de Queirós ficou prêso ao sertão abandonado, no cumprimento dos deveres profissionais. Mudou-se de sua fazenda Ipueiras para a Serra Azul, donde lhe era mais fácil a viagem semanal para as audiências em Quixeramobim e mais suportável a vida. Ali permaneceu durante o quadriênio e fez tantas viagens de 18 léguas entre Serra Azul e Quixeramobim, quanto o número de semanas de seu tempo de exercício de juiz, viagens em que tomava tôdas as precauções, para que o cavalo de sua montaria não fôsse, à noite, no rancho, ou na bebida em Quixeramobim, devorado por animais selvagens e famintos.

Conta-nos Antônio Cirilo que durante a calamidade os Queirozes de Cascavel e Aquirás enviavam todos os meses três bois carregados de tudo que faltava na Serra Azul e de lá voltavam os animais carregados de peles silvestres e de grande quantidade de cêra e de mel de abelha.

O Sargento-mor, um dos homens mais ricos da época, na sede da Capitania, exerceu durante tôda a sêca, gratuitamente, o elevado cargo de Almojarife da Capitania do Ceará. Fazia vir de Caravelas, na Bahia, à sua custa, barcos carregados de gêneros de primeira necessidade, de que, ressarcido das despesas, fazia distribuição gratuita entre os parentes e a pobreza.

Em 1794, terminado o flagelo, o Poder Público deu a José Lopes Barreira a patente de Sargento-mor de Aquirás, mas o povo lhe fêz a devida justiça ao denominar de "Cajueiro do Ministro" o sítio de sua propriedade em Aquirás, por onde passei várias vêzes, em homenagem ao nobre e desinteressado representante da Fazenda Real na Capitania do Ceará; e a Antônio Pereira de Queirós, em 1796, El-rei, atendendo a uma recomendação especial do Governador da Capitania sôbre os serviços por êle prestados à causa pública, concedeu-lhe a patente de Capitão de Ordenanças de Quixeramobim!

Foi, é e será sempre assim a justiça dos homens. . .

José de Queirós, embora sem a irrepreensibilidade de costumes do irmão Antônio Pereira, que passou 42 anos viúvo (en-viuvara aos 40) de todo continente, ou do cunhado José Lopes que, durante o exercício do alto cargo que lhe confiara o Governo, estêve afastado da própria mulher legítima, era homem inteligente e destemido que andou sempre ligado às lutas liberais do comêço do século XIX. Deixou descendentes dignos e ilustres, tanto que Raquel de Queirós, mulher do Dr. Arcelino de Queirós Lima e descendente na linha materna do Tenente de Milícias do Tapuiará Inácio Lopes Barreira e de Joana Batista de Queirós e na paterna do mesmo casal e de Antônio Alves de Lima, considerava, como a sua, a família do marido em Casca-vel.

Arcelino de Queirós, neto de José de Queirós e meu tio-avô, foi Senador estadual no govêrno do general Clarindo, que não o fêz desembargador porque êle só aceitaria êsse cargo se a sede do Tribunal fôsse na Califórnia.

Sim, a Califórnia — fazenda que lhe doou o seu tio Miguel Francisco de Queirós e onde êle levantou a melhor casa de morada do sertão na época, que não chegou a habitar, construção

que êle projetou no Riacho Fundo, no sítio do avô, mas que ficou nos alicerces, ainda ali existentes.

No Riacho Fundo, próximo de Cascavel, José de Queirós teve largo prestígio político e social e hospedou presidentes da Província.

Aqui se encerram os quatro artigos que formarão um capítulo de "Família Queirós — Ferreira de Beberibe. Os Facós.